

JORNAL PETROLEIROS

BRASIL PARA QUEM?

MORTES NEGRAS COMO ALAVANCA ELEITORAL

ORDEM E PROGRESSO

Foto: Gabriella Sodré / MAB



BRASIL SOBERANO

Os petroleiros nunca abandonaram a bandeira do Brasil, ela sempre esteve estampada nos nossos peitos. Felizmente, nos últimos meses, a esquerda também conseguiu se reapropriar desse símbolo, unindo a maior parte da sociedade brasileira no rechaço à tentativa de intervenção dos Estados Unidos por meio do “tarifaço” e, mais recentemente, da tentativa de enquadrar o crime organizado como terrorismo.

No meio dessa disputa mais ampla, a categoria petroleira segue em negociação para aprovar um Acordo Coletivo de Trabalho justo, no qual um dos eixos da nossa pauta de reivindicação é o Brasil Soberano, que parte de duas indagações: para que e para quem trabalhamos? Nesse sentido, propomos uma cláusula sobre a distribuição da riqueza gerada pela Petrobrás e sobre o direito de termos a consciência tranquila. Ou seja, que todos nós possamos saber que o nosso trabalho está servindo a um bem maior para o futuro do Brasil e do planeta.

Para isso, é urgente discutirmos e efetivarmos de fato uma transição energética justa, soberana e popular. Não há transição energética sem a participação dos povos e sem considerar a realidade de cada país. Por isso, os petroleiros estarão na COP 30 e na Cúpula dos Povos, em defesa do futuro da humanidade.

Foto: Tomaz Silva / Agência Pública



Mulher chora sobre o corpo de uma vítima da chacina no Rio de Janeiro

A ESTRATÉGIA DOS EUA COM O DISCURSO DO NARCOTRÁFICO COMO ORGANIZAÇÃO TERRORISTA

Como o discurso do narcotráfico como terrorismo integra mais um capítulo da guerra híbrida na América Latina

Por Beto Palmeira*

O retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos reacende, com intensidade renovada, o ciclo de ofensivas imperialistas sobre a América Latina. O imperialismo, diferentemente das invasões clássicas ou golpes militares diretos, opera de maneira mais sofisticada. Combina manipulação midiática, pressão econômica, cooptação política e intervenção seletiva, uma forma moderna de dominação chamada de “guerra híbrida”.

Essa nova guerra expressa o esforço do capital financeiro e militar dos EUA para recuperar sua hegemonia em um cenário internacional em transformação, marcado pelo avanço de polos emergentes como China, Rússia e Irã. A “guerra híbrida” não ocorre apenas nos

campos de batalha, mas também nas ideias, na economia e nas instituições.

O discurso do narcotráfico e do terrorismo surge como justificativa ideológica e jurídica para esse novo tipo de intervenção. Sob o pretexto de combater o “narco-terrorismo”, Washington busca legitimar sua presença militar e política no continente, reforçando sua capacidade de definir inimigos, territórios controláveis e governos a serem isolados.

A retórica do “combate às drogas” funciona como máscara ideológica que oculta os reais objetivos: manter a América Latina subordinada ao capital imperialista e impedir que os povos da região construam alternativas soberanas e socialistas.

O NARCOTRÁFICO COMO INSTRUMENTO DE GUERRA IDEOLÓGICA

Desde 2025, setores conservadores dos Estados Unidos, apoiados por aliados brasileiros, vêm propondo que o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV) sejam enquadrados como organizações terroristas internacionais. Essa proposta representa uma perigosa redefinição: o “crime organizado” tratado como “terrorismo”, criando base legal para ações militares externas, sanções econômicas e intervenções disfarçadas de cooperação internacional.

Juristas brasileiros e organizações populares alertam que esse enquadramento é inconstitucional, pois entrega a política de segurança interna aos interesses de Washington. Mesmo sem aprovação formal no Congresso norte-americano, o discurso vem sendo implementado na prática, tanto na mídia quanto em políticas estaduais, legitimando ações repressivas e a militarização das periferias.

Essa apropriação do tema da segurança pública é uma das formas mais eficazes da guerra híbrida. O verdadeiro alvo não são as facções, mas os processos políticos e organizativos capazes de se constituir como forças contra-hegemônicas na luta contra o imperialismo – as organizações populares e movimentos sociais que lutam por soberania e justiça.

*Beto Palmeira é militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)



Foto: Roberto Parizotti

A lógica da contratação pelo menor preço tem penalizado trabalhadores

O CONTRATO E O CASTIGO: TERCEIRIZAÇÃO IMPÕE ABUSOS E PERDAS NA TRANSPETRO

Enquanto a estatal fecha os olhos, empresas privadas contratadas pela Transpetro acumulam denúncias de abuso, atraso e sobrecarga

Por Vítor Peruch

Imagine um terminal da Transpetro operando à noite com apenas dois trabalhadores. Um fica no controle; o outro, isolado na área de risco, responde sozinho se algo der errado. Essa é a rotina em bases da subsidiária da Petrobrás espalhadas pelo país. Nos relatórios corporativos, o discurso é de eficiência; no chão de fábrica, a realidade é exaustão e medo.

Durante a greve de advertência de 24 horas, em março, a própria empresa revelou o tamanho do problema. Para conter os impactos da paralisação, convocou terceirizados às cinco da manhã – os mesmos que, no fim de 2024, ficaram sem salário e vale-refeição. “Durante o Natal, ninguém da gestão ligou para saber se tinham o que comer. Mas na greve, às cinco da manhã, lembraram de todos”, ironizou um petroleiro.

As denúncias se multiplicam. Em Uberaba (MG), vigilantes da MIB relatam jornadas sem folga, desvio de função e limitação no pagamento de horas extras. Em Senador Canedo (GO), apenas dois empregados fazem toda a limpeza do terminal, mesmo após aumento do efetivo. “O volume de trabalho triplicou e o pessoal continua o mesmo”, disse outro trabalhador. Motoristas da VIX também relatam perdas salariais: a empresa reduziu horas extras e substituiu trajetos por táxis, que recebem mais. “A nova regra reduziu a renda de todo mundo”, contou um deles.

Para o diretor do Sindipetro Unificado, Rodrigo Araújo, a terceirização imposta pela estatal ampliou riscos e desigualdades. “A maioria dos acidentes graves no Sistema Petrobrás envolve terceirizados. Isso é resultado de um modelo que prioriza a redução de custos em detrimento da segurança”, afirmou.

Segundo Reinaldo Alves, diretor da FUP e responsável pela Secretaria do Setor Privado, as denúncias vêm de todo o país. “Há atraso de salários, falta de pagamento de verbas rescisórias e vale-alimentação, além da suspensão de planos de saúde. Tem trabalhador doente que não consegue atendimento”, relatou.

Para ele, o problema é estrutural. “A licitação por menor preço traz essas consequências. São contratadas empresas sem capacidade técnica, por causa do modelo implantado após a

reforma trabalhista e a lei da terceirização. A Petrobrás permite que entrem no mercado mesmo sem condições.”

Em 2023, a FUP conseguiu recuperar o plano de saúde para os dependentes dos trabalhadores do setor privado, perdido desde 2018, e agora pressiona por sua total implementação. A federação também cobra mudanças no modelo de licitação – “não pelo menor preço, mas pela melhor qualidade” – e a inclusão do piso salarial nos contratos. “Se houvesse multa e fiscalização de verdade, essas irregularidades não aconteceriam”, diz Alves.

Para Araújo, o debate é maior que os contratos. “A privatização interna enfraquece a Petrobrás, o país e os trabalhadores. Quando o lucro vem do corte de direitos, o resultado é o adoecimento da força de trabalho.”

FUP e Sindipetro seguem cobrando da Transpetro fiscalização rigorosa sobre empresas como MIB, Sudamin, Eleva in Haus e VIX, e defendem que o Acordo Coletivo recupere cláusulas de acompanhamento e isonomia.

Para o diretor do Sindipetro Unificado, Vereníssimo Barsante, a responsabilidade recai sobre a própria Transpetro. “Tudo isso tem origem na própria Transpetro. As empresas visam o lucro e exploram o trabalhador – é da lógica do capital. Mas a Transpetro tem a obrigação de garantir que esses trabalhadores também tenham seus direitos respeitados”, afirmou.

O Sindipetro tentou contato com as empresas citadas e com o setor de Recursos Humanos da Petrobrás. O RH da Transpetro informou que o tema não é tratado por aquele setor, responsável apenas por empregados próprios.

Entre as contratadas, apenas a MIB respondeu, negando irregularidades e afirmando que as longas jornadas decorrem de demandas emergenciais. Disse ainda que as horas extras são pagas como “dobras” e as posteriores ao dia 25 entram em banco de horas. A empresa negou desvio de função, ameaça ou assédio.

As empresas VIX Logística e Eleva in Haus não responderam até o fechamento desta edição.



Petroleiros decidiram iniciar estado de greve

PETROLEIROS RECHAÇAM AMPLAMENTE PROPOSTA DA PETROBRÁS E APROVAM ESTADO DE GREVE

Assembleias nas bases do Sindipetro Unificado rejeitaram proposta da empresa e aprovaram estado de greve para avançar em um Acordo Coletivo de Trabalho justo e em soluções definitivas para os equacionamentos da Petros

Por Guilherme Weimann

As assembleias que discutiram, dentre outros temas, a proposta da Petrobrás para o Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) nas bases do Sindipetro Unificado foram encerradas com um ato em frente à Refinaria de Paulínia (Replan), na manhã desta terça-feira (11). Além dos trabalhadores da ativa, estiveram também presentes petroleiros aposentados.

“É importante que vocês, ‘borrachos’, trabalhadores que entraram por meio dos últimos concursos, saibam que os seus salários e direitos só existem porque houve luta, inclusive desses aposentados que hoje estão aqui, lutando, mas que estão enfrentando sérios problemas devido aos descontos abusivos nas suas aposentadorias. Na história, não há mobilização em torno do ACT que fez com que perdêssemos direitos, mas o contrário sim”, apontou o coordenador do Sindipetro Unificado, Steve Austin.

Nas unidades representadas pelo sindicato, houve um rechaço massivo em relação à proposta da Petrobrás para o ACT. No resultado consolidado, 99,72% foram favoráveis a rejeição da contraproposta da empresa; 97,68% aprovaram o estado de greve; 100% aprovaram assembleias permanentes; 100% aprovaram os três eixos da campanha reivindicatória (solução para os equacionamentos, ACT digno e Pauta Brasil Soberano); e 97,92% aprovaram a proposta de PLR 2019 linear.

“Se hoje a Petrobrás ainda está aqui, ainda como empresa estatal, ainda com o governo como seu principal acionista, se hoje ainda podemos cobrar que ela cumpra um papel social, que contribua com a economia do país, é porque houve muita luta ao longo dos anos. E por isso precisamos continuar mobilizados para garantir os avanços necessários”, afirmou o diretor do Sindipetro Unificado, Pedro Augusto.

Também participaram do ato os diretores do Sindipetro PR/SC, Cleverton Padilha, e do Sindiquímica-PR, Paulo Antunes.

Além disso, houve manifestações também em Betim (MG), na Regap; em Duque de Caxias (RJ), na Reduc; e em Ipojuca (PE), na RNest.

A mobilização nas bases do Sindipetro Unificado acompanhou o posicionamento nacional da categoria, que rejeitou por unanimidade a contraproposta apresentada pela Petrobrás no dia 16 de outubro.

A FUP comunicou o resultado à direção da Petrobrás e de suas subsidiárias – Transpetro, PBio, Ansa, Termobahia e TBG – cobrando a retomada imediata das negociações.

Entre os pontos em debate estão o novo Plano de Demissão Voluntária (PDV) e as mudanças unilaterais na jornada de trabalho de médicos e odontologistas, além das medidas que impedem o acesso de dirigentes sindicais a unidades operacionais, como anunciado recentemente pela TBG.

Essas ações, segundo a Federação, ferem o princípio da negociação coletiva e ocorrem em um momento de grande mobilização nacional, quando os trabalhadores reivindicam um ACT que reflita a distribuição justa da riqueza gerada – uma cobrança que se torna ainda mais legítima diante do lucro líquido da Petrobrás, que aumentou 23% no último trimestre, ao mesmo tempo em que R\$ 12,16 bilhões foram liberados para acionistas.

A categoria exige que a empresa apresente soluções concretas para os equacionamentos da Petros, garanta condições dignas de trabalho, saúde e segurança e cesse as ameaças de privatização e terceirização de postos de trabalho estratégicos.

Com o resultado consolidado das assembleias e o estado de greve aprovado, o recado das bases foi direto: a categoria não aceitará retrocessos nem políticas de austeridade que penalizem os trabalhadores enquanto ampliam dividendos a acionistas.



O Sindipetro Unificado levou dois ônibus ao ato de Santos – um partindo de Mauá e outro de Campinas

PELO FIM DOS EQUACIONAMENTOS: “MAGDA, PAGUE O QUE NOS DEVE”

Ato nacional em defesa dos participantes da Petros reuniu petroleiros em frente ao prédio da Petrobrás em Santos

Por Vitor Peruch

No dia 29 de outubro, aposentados, pensionistas e trabalhadores da ativa se reuniram em frente ao Edisa, prédio da Petrobrás em Santos (SP), para defender uma solução definitiva para os equacionamentos, que tem comprometido a renda dos beneficiários da Petros. A manifestação, convocada pelo Fórum das Entidades em Defesa dos Participantes da Petros, fez parte de uma jornada nacional descentralizada, com mobilizações simultâneas em outras unidades da companhia.

O Sindipetro Unificado levou dois ônibus ao ato de Santos – um partindo de Mauá e outro de Campinas –, reforçando a presença da categoria na mobilização. Com faixas, cartazes e palavras de ordem, os petroleiros denunciaram o impacto dos equacionamentos, que têm reduzido significativamente o poder de compra de aposentados e pensionistas, e cobraram uma resposta definitiva da gestão da Petrobrás e da presidência da Petros.

“Com a luta dos trabalhadores, a Petrobrás vai ter, além de um passado, um futuro para se orgulhar”, afirmou o diretor do Sindipetro Unificado e da FUP, Pedro Augusto. Segundo ele, é inadmissível que a empresa mantenha um problema tão grave para quem construiu sua história enquanto segue distribuindo dividendos bilionários aos acionistas.

Durante o ato, também falaram dirigentes sindicais e participantes da Petros de diferentes regiões. Para o diretor do Sindipetro Unificado, Steve Austin, este é um momento decisivo: “A questão dos equacionamentos da Petros tem que ser resolvida este ano. Temos que olhar para a conjuntura nacional e internacional. O ano que vem será de enfrentamento político, de defesa da democracia. Este ano é fundamental para consolidar essa luta. Se for acampamento no Rio, estaremos lá; se for caravana em Brasília, também. Assim como estivemos em todas as outras mobilizações”.

O também diretor do Sindipetro Unificado, Juliano Deptula, destacou a importância da solidariedade entre gerações de petroleiros: “Temos que ser solidários, temos que estar juntos. A luta que eles fizeram construiu a Petrobrás que temos hoje. As batalhas das décadas de 1970, 80 e 90 fizeram da empresa o que ela é hoje”.

Ao final do ato, os petroleiros se reuniram em coro para enviar um recado direto à presidenta da Petrobrás, Magda Chambriard. Com punhos erguidos e vozes firmes, ecoou o grito que sintetizou o espírito de unidade e resistência: “Magda, pague o que nos deve!”

O recado foi claro: os trabalhadores e trabalhadoras não desistirão da luta e permanecerão em mobilizações contínuas até que a Petrobrás apresente uma proposta justa para encerrar de vez os planos de equacionamentos que penalizam quem dedicou a vida à construção da estatal.



FALA APOSENTADO

ELIANE FROZEL, APOSENTADA: “Meu apelo não é só para os dirigentes da companhia, para que se debrucem sobre esta questão, mas também aos companheiros da ativa, para que se imaginem como aposentados”.

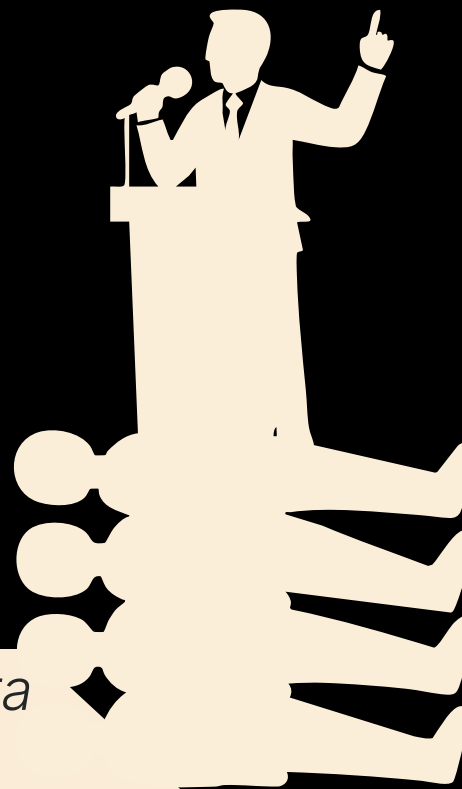
JAIRZINHO, APOSENTADO: “Acho que temos que parar nas portarias, nos terminais, nas refinarias, o que for possível, pra gente estar fazendo o embate ali. E a ativa pode estar ajudando nisso”.

JOSÉ SANTOS, APOSENTADO: “Trabalhei na Petrobrás durante 30 anos e, quando entrei, assinei um documento da Petros dizendo que, quando eu me aposentasse, teria um salário digno para me sustentar com minha aposentadoria. Mas a verdade é que ela não cumpriu aquilo que acordou. Estamos completamente indignados”.

RENÊ, APOSENTADO: “Eu me aposentei e me sinto deixado de lado depois de tanto esforço. E eu pensava que com a Magda, que é uma petroleira no comando da empresa, as coisas seriam mais justas, mas tenho visto que não são”.

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS, APOSENTADO: “Trabalhei 38 anos e 9 meses e estou aposentado há um pouco mais de onze anos, e a gente se sente escanteado. Nós contribuimos para a grandeza dessa empresa ao longo das nossas carreiras profissionais e, neste momento, estamos jogados para escanteio”.

POLÍTICA DE EXTERMÍNIO



Pior matança policial da história brasileira escancara política de segurança que despreza a vida e utiliza os corpos mutilados como palanque político

Por Marcelo Aguilar

Mais uma vez o Brasil chocou o mundo pela violência extrema da sua polícia. No dia 28 de outubro, forças a mando do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, entraram nos Complexos de favelas do Alemão e da Penha, numa ação militar que terminou com a morte de 121 pessoas, dentre elas quatro policiais. As imagens dos corpos enfileirados estamparam as capas de jornais mundo afora. Eles haviam sido recuperados pelos moradores na Serra da Misericórdia, no alto do morro, após a retirada da polícia. A operação já é a mais letal da história moderna brasileira, superando o massacre do Carandiru, em 1992, quando tropas da Polícia Militar de São Paulo assassinaram 111 detentos no presídio do mesmo nome.



O MESMO ALVO

Os dados do informe do Fórum de Segurança Pública de 2024 demonstram que 82,7% das vítimas da violência policial no Brasil são negros. Para o diretor do Sindipetro Unificado e da FUP, Pedro Augusto, é fundamental reafirmar o caráter racista da própria política de segurança pública do país: “Além de deixar intacto o crime organizado, ela normaliza e naturaliza centenas de corpos expostos na rua, em sua grande maioria de pessoas negras, das quais não sabemos seus nomes e que não tiveram nenhuma possibilidade de processo legal”.

Para o dirigente, “esta lógica só se sustenta em um país que foi estruturado no racismo, no qual algumas vidas são descartáveis. Vidas que têm cor, vidas negras, que moram num determinado território, na periferia, nas favelas”. E acrescenta: “Um menino negro de 15 anos, de chinelo, correndo sem camisa perto da sua casa, pode muito bem ser alvejado ‘confundido’ com um bandido”.

CORPOS COMO PALANQUE

O timing da operação ordenada por Cláudio Castro foi perfeito para os interesses da ultradireita. Um dia antes, Lula havia afirmado que “traficantes também eram vítimas dos usuários”, da qual se retratou posteriormente. Mas o estrago já estava feito. A ultradireita inflamou as redes com esse trecho da fala e após o massacre passou a celebrar os assassinatos e clamar por mais operações como essa. Os governadores da ultradireita foram para a capital fluminense para “prestar solidariedade” a Castro, mas o objetivo verdadeiro era realinhar o campo conservador.

Para Pedro Augusto, a operação “foi uma forma que a extrema-direita e o neofascismo encontraram de retomar uma narrativa diante do aumento da popularidade do governo Lula e das derrotas políticas que sofreram com a condenação do Bolsonaro e com o rechaço da população brasileira aos ataques à soberania liderados pelo governo Trump e articulados por Eduardo Bolsonaro”.

O cenário descrito pelo dirigente do Sindipetro Unificado é de uma esquerda que recuperou a defesa da soberania como pauta e a bandeira do Brasil como símbolo. Diante dessa situação, afirma: “Qual é a opção para a extrema-direita? Qual a opção para o neofascismo? Uma política de extermínio, uma política de morte, como já havia sido demonstrado durante a pandemia. Porque o que eles têm para oferecer para a população brasileira é morte, é assassinato. E dessa forma, com essa operação arbitrária, eles tentam recuperar a pauta, pensando na eleição de 2026, deixando centenas de corpos para trás e uma população ainda mais amedrontada”.

ANOS DE FRACASSO

“Fazemos isso há 40 anos neste país: combater o crime gerando mais crime. Sem nenhuma efetividade. Pelo contrário: ações assim são contraproducentes, geram reação e mais militarização. É evidente que o controle territorial armado por grupos criminosos é um problema sério. Mas já há dados e evidências claras de que essa política pública não funciona”, comentou Gabriel Feltran, diretor de pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, especialista em etnografia urbana e sociologia do crime e da violência, e autor do livro Irmãos: uma história do PCC.

Pedro Augusto concorda com o diagnóstico: “Sem dúvida é necessário combater essas estruturas, porque o crime organizado mantém as pessoas que vivem nas comunidades sob o seu domínio em um regime violento, de opressão, onde não há o Estado Democrático de Direito. Então é importante, sim, ter uma política séria para combater o domínio dos territórios pelo crime organizado, que lucra bilhões”. Porém, afirma, é necessário discutir a efetividade dessas medidas: “O crime organizado segue operando normalmente no território do Complexo da Penha e do Alemão, e ao mesmo tempo a população hoje precisa chorar esse trauma, porque é um trauma não só para aquelas famílias que perderam pessoas, sejam elas participantes do crime organizado ou não, mas também para aquelas que tiveram que faltar nas suas escolas, que ficaram debaixo da cama ouvindo tiro durante todo um dia, e veem que nada foi resolvido”.

Se faz necessário, então, conclui o diretor, “travar esse debate de cima a baixo, questionando a própria estrutura econômica que condena periferias e jovens negros e negras do país a não terem acesso à educação de qualidade, à formação e acesso a empregos que possam garantir para eles condições de vida, e ao mesmo tempo defender uma política que segurança que busque prender aqueles que financiam, inviabilizando economicamente essas rotas que são operadas por grandes empresários, que têm inclusive interferência e influência nas instituições do país, para a partir daí você combater efetivamente o poder sobre os territórios, tanto no Rio de Janeiro como em outras regiões do país”.



O economista apontou os diversos desafios para construir uma transição energética de fato justa

“PODER E ENERGIA SÃO SINÔNIMOS”, APONTA GABRIELLI

Abertura do Seminário de Transição Energética contou com uma aula do ex-presidente da Petrobrás, José Sérgio Gabrielli

Por Guilherme Weimann

No dia 27 de outubro, a Plataforma Operária e Camponesa da Água e Energia realizou o Seminário Nacional “Realidades e Perspectivas da Transição Energética na Ótica dos Trabalhadores”, na sede de São Paulo do Sindipetro Unificado. O evento contou uma aula do ex-presidente da Petrobrás [2005-2012] e professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, José Sérgio Gabrielli.

Logo no início da sua exposição, o economista demarcou o caráter do debate: “Poder e energia são sinônimos. Quem controla a energia, a fonte primária, a fonte natural, e as ferramentas e os equipamentos para transformar e utilizar essa energia, controla as sociedades”.

Nesse sentido, o professor recordou que na língua inglesa, as empresas de energia são conhecidas como ‘power companies’, termo que poderia ser traduzido para o português de duas maneiras: ‘companhias de energia’ e ‘companhias de poder’.

HISTÓRICO E DEFINIÇÃO

No mundo, existem diversas fontes primárias de energia, como: água, lenha, carvão, petróleo, entre outros. De acordo com Gabrielli, historicamente, a transição energética é justamente a mudança de posição relativa dessas fontes primárias de energia. Entretanto, de maneira geral, o surgimento e o protagonismo de uma nova fonte de energia não excluíram as outras, que conviveram simultaneamente ao longo dos séculos.

Hoje, todavia, há um fenômeno diferente no debate da transição energética. Se no

passado a transição ocorreu por escassez de uma fonte primária ou para melhorar a eficiência, atualmente a transição energética está sendo imposta por questões ambientais e pelas mudanças climáticas.

ALTERNATIVAS

A partir desse cenário, Gabrielli refletiu sobre as alternativas tecnológicas existentes. No campo da eletricidade, o professor apontou: “Energia solar é intermitente, varia muito. Os sistemas de distribuição de energia foram pensados na variação do consumo, e não da oferta. E a geração de energia solar tem uma variação muito grande, o que gera um desequilíbrio. Nós estamos tendo apagões não por falta, mas por excesso de energia”.

Já no setor da mobilidade, o economista afirmou: “Atualmente, 97% da energia responsável pela mobilidade no mundo é proveniente do petróleo. Quais são os principais derivados do petróleo? O principal é o diesel, depois gasolina, GLP, óleos lubrificantes... Todos esses derivados saem das refinarias. No caso do diesel, qual o setor que mais utiliza diesel? O transporte pesado. Para longas distâncias, não existe alternativa para o diesel”.

Se para o diesel ainda não existe uma alternativa viável no caso do transporte de longas distâncias, a indústria já está desenvolvendo e oferecendo um produto no mercado para os carros: “Qual o setor que mais utiliza gasolina? Os veículos leves. E a bateria elétrica é uma alternativa. A produção de carros elétricos está crescendo

muito, principalmente na China”.

Mas esse cenário deverá gerar um efeito colateral: “Com a diminuição do consumo da gasolina e do gás, vai haver um colapso de algumas refinarias, que não conseguem gerar apenas um derivado, de maneira isolada”.

DESAFIOS

A transição energética é contemporânea, de acordo com Gabrielli, ou seja, de diversas outras transições: a transição digital, tecnológica e dos produtos. “Hoje temos uma expansão acelerada da inteligência artificial, robótica, dos telefones ultra inteligentes, da miniaturização dos produtos. E tudo isso demanda muita energia. Uma consulta simples no ChatGPT gasta o equivalente a cinco minutos de uma lâmpada de 60 watts ligada. Os data centers gastam muita energia”, explicou.

Além disso, existe um desafio histórico a ser enfrentado: “Precisamos falar sobre a pobreza energética, condição que atinge cerca de 2,5 bilhões de pessoas no mundo, incluindo o uso doméstico e a mobilidade. Nós temos 2,1 bilhões de pessoas no mundo cozinhando à lenha”.

O professor ainda chamou a atenção para outra consequência da busca por fontes alternativas de geração de energia: “Onde se dá essa produção de energia eólica e solar? Em áreas mais isoladas. E essa produção afeta diretamente as populações locais. Se não houver uma regulação do Estado para proteger essas comunidades, elas sofrerão – já estão sofrendo – diversas consequências”.



Petroleiros e pesquisadores durante o 1º Seminário de Agentes Nocivos e Saúde do Trabalhador

BENZENO MATA: PETROLEIROS DEBATEM SAÚDE E SEGURANÇA EM SEMINÁRIO DO SINDIPETRO

Evento reuniu trabalhadores, diretores e perita para discutir relatórios sobre exposição a agentes nocivos na Replan

Por Vitor Peruch

O Sindipetro Unificado realizou no dia 28 de outubro o 1º Seminário de Agentes Nocivos e Saúde do Trabalhador, em Campinas, com a presença de petroleiros e da engenheira e perita Vanessa Farias. O encontro marcou a conclusão da primeira etapa de um processo de avaliação das condições de trabalho e exposição a substâncias como o benzeno na Refinaria de Paulínia (Replan).

Ao longo de um ano e meio, o trabalho foi construído de forma conjunta entre trabalhadores, sindicato e a perita Vanessa Farias, com participação ativa em todas as etapas – das visitas técnicas às reuniões de análise. O seminário desta terça-feira manteve essa dinâmica: petroleiros e petroleiras apresentaram os resultados de suas áreas, o sindicato coordenou os debates e a perita contribuiu com a avaliação técnica, reafirmando o caráter coletivo e participativo de todo o processo.

A abertura foi conduzida pelo diretor Rodrigo Zanetti, que apresentou o histórico do trabalho desenvolvido em parceria com a perita. Ele explicou que o acompanhamento técnico surgiu a partir de um artigo do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT), que garante a escuta dos trabalhadores.

“Na primeira verificação feita na bomba, já constatamos vazamento”, destacou. Segundo ele, o relatório com esses dados deve agora orientar os próximos encaminhamentos junto à empresa.

Zanetti também apresentou o relatório de avaliação da exposição a agentes nocivos no setor de Craqueamento, ressaltando a diferença entre “saúde do trabalho” e “saúde do trabalhador”.

Na sequência, o diretor Carlos Reis iniciou as apresentações por área da refinaria. Ele traçou um paralelo entre o filme Alien e a rotina dos petroleiros. “A gente quer uma mudança estrutural, mas também precisamos de uma mudança cultural. Segurança e saúde devem ser ensinadas nas escolas e transformadas em cultura do trabalho. Antigamente, capacete e cinto de segurança não eram usados. Precisamos mudar esse pensamento também”, afirmou.

Durante a manhã, trabalhadores apresentaram avaliações sobre suas áreas: Evandro Botteon (HDT), Arthur Bob Ragusa (Coque), Eric (TE), finalizando com a equipe de utilidades (ETA, vapor e elétrica) e do laboratório.

Posteriormente, Vanessa Farias apresentou um balanço do estudo, alertando que o processo ainda está em andamento: “O trabalho não para aqui. Hoje mesmo surgiram novas dúvidas e novas ideias que devem agregar na continuidade deste trabalho”, afirmou.

O diretor do Sindipetro Unificado, Rodrigo Marmerola, destacou a importância do processo coletivo que resultou no seminário. “Este trabalho foi muito importante. Agradeço a todos que se envolveram desde o início, nas visitas e reuniões. Quando os trabalhadores tomam consciência das condições a que estão expostos, a gente se fortalece como categoria”, afirmou.

O coordenador-geral do Sindipetro Unificado, Steve Austin, também ressaltou o esforço conjunto. “Primeiro, quero agradecer ao Zanetti, ao Reis, à Vanessa e a todos os petroleiros que tocaram esse trabalho ao longo do último ano e meio, com diversas reuniões e muito envolvimento. Isso faz parte da formação do militante, do trabalhador, e inspira outras pessoas. Como a Vanessa disse, este é um trabalho coletivo, capilarizado na base”, disse.

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Dando continuidade ao debate sobre o benzeno, diretores do Sindipetro Unificado participaram no dia 10 de novembro de uma audiência pública convocada pela Comissão de Assuntos Sociais (CAS), do Senado Federal. O debate foi convocado pelo senador Paulo Paim (PT), que alertou para a gravidade da exposição de trabalhadores a essa substância altamente tóxica e cancerígena



Foto: Guilherme Weimann

Padre é referência no acolhimento às pessoas em situação de rua

“A POBREZA NÃO É POR ACASO, ELA É PLANEJADA”, APONTA PADRE JÚLIO LANCELOTTI

Nesta entrevista exclusiva, padre Júlio Lancelotti reflete sobre solidariedade aos mais vulneráveis e luta contra o sistema: “remar contra a maré é difícil”

Por Guilherme Weimann e Marcelo Aguilar

Nos últimos anos, diversos analistas apontam o recrudescimento da polarização política no Brasil. Mesmo sem negar esse acontecimento no caso da política institucional, outras correntes teóricas defendem que essa disputa [ou massacre] é inerente ou pressuposto básico ao atual sistema político-econômico. O padre Júlio Lancelotti define esse fenômeno de uma maneira bem didática: “No capitalismo, para que um esteja no iate, outro tem que estar na canoa”.

E outros, ainda segundo Lancelotti, enfrentam a tempestade atual a nado, sem nenhum tipo de suporte contra as intempéries do sistema. São justamente essas pessoas que o padre Júlio Lancelotti dedica sua vida e seu trabalho, ou seja, aos mais desfavorecidos, às pessoas em situação de rua, aos pobres, ou simplesmente aos “últimos”, como tem definido o Papa Leão XIV.

Essas e outras reflexões estão expostas nesta entrevista exclusiva, realizada antes do evento organizado pelo Fundo Haja em Campinas (SP), no dia 17 de outubro, na sede do Sindipetro Unificado.

CONFIRA NA ÍNTEGRA:

O senhor já disse que estamos todos na mesma tempestade. Mas alguns a enfrentam de iate e outros a nado. Se nos permite acrescentar, na mesma tempestade, tem gente enfrentando também com barquinhos ou com canoas. Como criar uma solidariedade entre os que estão a nado e os que estão lutando com essas embarcações menores?

Acredito que usando essa imagem, na qual existem várias formas de embarcação, a sociedade não é linear, ela é complexa. Pode haver solidariedade no iate, como pode haver solidariedade na canoa. E pode não haver solidariedade nem no iate, nem na canoa e tampouco nos que estão a nado. Porque cada um

está se afogando e vai tentar resolver da sua maneira. Imagine se num desses barcos tiver uma boia, e jogar a boia no mar, alguém que está a nado ofereceria a boia para outro que precisa mais? Então, a solidariedade numa sociedade desigual, ela está presente de diferentes maneiras, está ausente ou presente, e presente de uma forma que não pára a tempestade e nem acaba com a desigualdade. Por isso, toda nossa atividade é conflitiva, contraditória, paradoxal, nada é linear, tudo é extremamente complexo. Nós podemos pedir que todos se ajudem, só que isso não é a mentalidade do mar que nós estamos nadando.

Nadar contra a corrente sempre é difícil, e muitas vezes nós estamos nadando contra a corrente. A ideologia dominante está na cabeça dos fracos também, e esse é o papel da ideologia dominante, dizer que aquele que está no iate mereceu, e aquele que está na canoa não mereceu, e às vezes o que está na canoa também pensa assim, que ele está na canoa porque não se esforçou o suficiente e a pessoa do iate está lá porque mereceu. A meritocracia, no sistema capitalista liberal, invade a todos. O que nós temos que fazer é despertar a solidariedade que está dentro de cada um, não somos a ideologia dominante. Precisamos promover a leitura crítica de quem está no iate, de que ele está lá no pico da pirâmide, da desigualdade que isso representa, de que não é ético nem moral que ele esteja lá. E precisamos mostrar ao que está na canoa de que esse não é o seu destino, mas que ele está lá porque, no capitalismo, para que um esteja no iate, outro tem que estar na canoa.

Como o senhor definiria essa tempestade?

A tempestade é o sistema em que estamos vivendo. O Papa Francisco deixa isso muito claro na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, e agora o Papa Leão XIV na exortação apostólica Dilexi Te de que a pobreza não é por acaso. Ela é planejada, a falta



Foto: Guilherme Weimann

Religioso participou de debate sobre moradia na sede do sindicato

de moradia também é planejada. Nunca se construiu tanto nas nossas cidades, e nunca teve tanta gente sem ter onde morar. Então, como é que se explica que tanta moradia seja feita? É que ela é feita para especular, para investimento. Não é feita para que todos tenham onde morar. É para que um pequeno grupo seja privilegiado, quando aqueles que constroem a casa, nela não habitarão.

O senhor vive de perto as piores consequências desse capitalismo selvagem que estava descrevendo. Durante o governo Bolsonaro, as pessoas voltaram a cozinhar com lenha, por conta dos preços abusivos do gás de cozinha. Como o senhor avalia as disputas em torno da Petrobrás e qual considera que é a sua importância estratégica para o país?

É difícil analisar, isso tem muitas particularidades. Mas, a gente tem que começar a pensar na questão do meio ambiente, na questão de uma energia alternativa, de que continuarmos na energia fóssil, do petróleo, é envenenar mais o mundo e a natureza. Acredito que precisamos encontrar outros caminhos, outras formas de energia alternativa, para que possamos ter um modelo de desenvolvimento que não seja esse que nós temos. Esse modelo é autofágico, ele se esgota, ele destrói a vida. Agora, você vê, eu estive no Nordeste recentemente e vi as torres de energia eólica, e me contaram todos os problemas que esses aparelhos causam para a população próxima. Nós temos que encontrar formas de energia que não destruam a vida, que não perturbem a saúde mental das pessoas, que não destruam a natureza, que não envenene a água e os peixes, que tenha condições de que essa água possa irrigar a terra. Não é possível que não saibamos, no nível de desenvolvimento que estamos, como sair dessa lógica que é a lógica que mata.

Seu trabalho reverbera nacional e internacionalmente, mas está fincado na cidade de São Paulo. Como o senhor analisa as políticas, tanto da prefeitura quanto do governo do Estado em relação aos menos favorecidos?

Uma coisa que me incomoda é esse conceito de desfavorecidos. O que significa desfavorecido? Em alguma coisa eu também sou desfavorecido. O Papa Leão usa agora o termo de “os últimos”. O sistema é feito para mantê-los em último lugar. Tudo o que nós chamamos de política pública dentro do sistema capitalista neoliberal é a manutenção da miséria. Então, enquanto esse modelo não mudar, e isso diz o Papa Francisco, a lógica do sistema capitalista neoliberal é o descarte. Então, nós não mudaremos o

descarte e não estancaremos o descarte enquanto não mudarmos o modelo. Mas a mudança do modelo é demorada, é conflitiva, é histórica, muitos de nós vamos cair e tombar antes. Eu tenho claro que não verei essa mudança, eu luto por ela, mas não a verei. Acho que esse é o nosso caminho histórico, eu não luto para ver o resultado, eu acredito que outros verão, mas eu terei que lutar minha parte agora para que um dia alguém veja e viva esse resultado, eu acredito que ele vai demorar, eu já terei virado pó há muito tempo se isso acontecer, mas é um pó que vai ajudar a irrigar e fertilizar a terra onde a esperança vai brotar.

Nesse sentido, o que o emociona, o que ainda faz com que o senhor continue acreditando que é possível em meio a tanta desumanização?

Olha, como eu disse, remar contra a maré é difícil. Às vezes a gente fica muito machucado, muito ferido. A gente carrega muitas cicatrizes, eu na idade em que estou tenho muitas cicatrizes e muitas marcas, mas são as marcas do amor, e as marcas de ter lutado. Eu sei que na história um dia se poderá dizer, ‘aqueles que lutaram, que a gente nem lembra mais, não lutaram em vão’.

Como o senhor lida com esse ecossistema de ódio, do qual é vítima permanente?

Eu tenho clara uma convicção: quem está do lado dos desprezados, vai ser desprezado também. Quem está do lado dos que apanham, vai apanhar também. Enquanto você está do lado de quem é pisado, você vai ser pisado também. É uma lógica. O tempo todo ficam me falando, ‘vem pro lado de cá, que aqui você não vai se machucar’. E aí a gente insiste em ficar daquele lado, então você vai apanhar. Aqui [no sindicato], vocês não apanham nessa cidade? Esse local aqui é bem visto pela cidade? Eles dizem que vocês são um bando de que? Como é que a gente aguenta? A resposta talvez seja aguentando, se mantendo firme e resistindo. Sabendo que a gente escolhe um lado, esse lado tem um preço. Um lado sabe que vai ganhar e vai ficar de boa. A gente tem que saber perder, mas nós não sabemos perder. Para ganhar mais para frente, ou quem sabe um dia ganhar, sem ter certeza, a gente tem que lutar sem ter medo de perder, e acreditar na nossa luta.

O maior problema é o Bolsonaro que mora dentro de nós. Porque dentro de nós também tem um bolsonarinho, a gente tem que dominar ele, porque a gente reproduz muito o poder, a autoridade, isso está dentro de nós. A gente quer negar o conflito, e aí faz aliança e quando você faz aliança com a direita, eles vão te devorar.



Festas costumam reunir centenas de pessoas nas sedes do sindicato

SINDIPETRO UNIFICADO CONVIDA A CATEGORIA PARA CONFRATERNIZAÇÕES EM DEZEMBRO

Serão realizados três festas no mês de dezembro, uma em cada Sede Regional: Campinas, Mauá e São Paulo

Por xxxxxx

Dividir um local de trabalho no qual a função de cada um dos seus colegas é determinante para que você chegue em casa com segurança no fim de cada turno é a realidade de grande parte dos trabalhadores do Sistema Petrobrás. E talvez não exista situação melhor do que essa para se desenvolver confiança e respeito ao próximo. Mas as amizades, e as lutas, também podem – e devem – ser abastecidas com momentos de descontração e lazer – e é justamente esse o propósito das confraternizações realizadas anualmente pelo Sindipetro Unificado.

“Já é uma tradição da nossa categoria reunir no fim de ano não apenas os petroleiros da ativa, mas também os aposentados e todos os familiares e pessoas que participam de alguma maneira da vida desse sindicato. Se nos reunimos nos locais de trabalho e nas trincheiras de luta, também podemos e devemos nos reunir em espaços de confraternização, de festa”, explicou o coordenador do Sindipetro Unificado, Steve Austin.

Neste ano, serão três festas, uma em cada Sede Regional do sindicato: Campinas, Mauá e São Paulo.

CAMPINAS

Na Sede da Regional Campinas, o evento será realizado no dia 13 de dezembro, sábado, das 11h às 18h.

Para garantir a entrada na festa, os sindicalizados e seus dependentes na Saúde Petrobrás (antiga AMS) deverão retirar os convites a partir do dia 10 de novembro até o dia 11 de dezembro na secretaria do sindicato ou com algum diretor liberado ou de base.

É importante ressaltar que a confraternização do sindicato é gratuita para os sindicalizados e seus dependentes na Saúde Petrobrás (os sindicalizados que não possuem dependentes no plano de saúde terão direito a um ingresso de acompanhante gratuito).

Para aqueles que desejam levar acompanhantes extras, os convites estão à venda na sede do sindicato por R\$ 100 para adultos e R\$ 50 para crianças de 6 a 12 anos. Esses convites devem ser adquiridos antecipadamente e estão limitados a quatro convidados por associado. No dia do evento, o valor do convite será de R\$ 150.

MAUÁ

Na Sede da Regional Mauá, o evento será realizado no dia 6 de dezembro, sábado, das 11h às 18h.

Os sindicalizados deverão levar sua carteirinha da Saúde Petrobrás (antiga AMS) e poderão entrar gratuitamente com seus dependentes.

Para convidados extras, será cobrada uma taxa de R\$ 100.

SÃO PAULO

Na Sede da Regional São Paulo, a festa está marcada para o dia 19 de dezembro, sexta-feira, a partir das 15h.

Além do tradicional churrasco, a confraternização contará com a apresentação musical do MCJ Trio.

O evento é aberto a todos os filiados e seus familiares. Não filiados devem entrar em contato pelo (11) 3255-0113.

SINDIPETRO UNIFICADO RECEBEU GUILHERME ESTRELLA, O “PAI DO PRÉ-SAL”

O geólogo e ex-diretor da Petrobrás participou da refiliação ao PT do petroleiro e ex-deputado Luciano Zica; em entrevista, Estrella conclama à sindicalização dos jovens e à recuperação da soberania da estatal. Confira acessando o QR Code ao lado.

